



Menu Principal

- O que é CELPCYRO
- Sobre Cyro Martins
- Fronteiras Culturais
- Saúde Mental
- Cyro Martins vai às Escolas
- Projetos
- Escritores Gaúchos
- Revista Eletrônica CELPCYRO
- Coluna CELPCYRO
- Contribuições do CCYM
- Galeria Virtual CELPCYRO
- Artigo de Fundo
- Além da Letra
- Escritos Recolhidos
- Era Digital
- Notícias/Informes
- Eventos Realizados
- Nossos Leitores
- Glossário

X Jornada CELPCYRO



Informe CELPCYRO

Cadastre-se e receba
nosso INFORME

Nome

E-mail*

Área de Atuação

Enviar

Redes Sociais



FRONTEIRAS CULTURAIS 20 ANOS

Editora: Maria Helena Martins

EDIÇÃO ESPECIAL

Esta edição do site CELPCYRO é dedicada aos 20 anos de nosso projeto FRONTEIRAS CULTURAIS que desde 2000 se desenvolveu vigorosamente e vem deixando rastros, o que muito nos alegra. A todas e todos que têm nos acompanhado nessa quase façanha, nossas saudações e muitos agradecimentos. Especialmente aos que nos presentearam com os belos DEPOIMENTOS que seguem sobre sua participação no projeto: Adriana Dorfmann, Aymara Celia, Carmem Regina Pedrozo, Carmen Maria Serralta, Karla Maria Muller, Luciana Hartmann, Nadja Boelter, Olinda Alessandrini e Carlos Alberto Potoko.

FRONTEIRAS CULTURAIS 20 ANOS
- um projeto-processo do CELPCYRO -

Visão do Pampa. Foto de Virginia Helena Souto de Abreu Fialho

Reminiscências nada acadêmicas

Não sou e sou fronteiriça. Meus pais nasceram em Quaraí(RS), lindeira com Artigas(UY). Daí que... Sim, na infância e em parte da adolescência as férias eram passadas lá. Para mim, as cidades e o campo se mesclavam num continuum, num vai-e-vem tornando distinções geográficas nebulosas, também as diferenças lingüísticas, pois entre o português e o espanhol se falava um portunhol. E a gente era uma mistura: tios e primos uruguaios e brasileiros, filhos e netos de casais binacionais, cada um usando um linguajar que, ao final das férias, configurava um portunhol avançado ou o que hoje eu identificaria como legítimo fronteiriço.

Essas lembranças se tornaram um borrão de cores, sensações, cheiros, figuras desconhecidas que me olham espantadas ou indiferentes nas fotografias. Quem é quem? Sabe-se lá... Elas e eu - que já esquecemos aquele fronteiriço fluente de fim de férias - temos em comum possíveis fotos compartilhadas em diversos álbuns com figuras surdo-mudas. Talvez, aos poucos, para alguns dos fotografados, elas

Prêmio Fato Literário 2008



Saiba por que o CELPCYRO ganhou o PRÊMIO FATO LITERÁRIO 2008 e assista ao vídeo da cerimônia

Veja também...



Assista ao belo curta-metragem e ao Documentário sobre Cyro Martins realizados pela RBS TV



Reveja Cronologia do Centenário e momentos marcantes das comemorações

Projetos Pró-memória
A CHADOS



tenham se avivado, recuperando uns nomes, contando fragmentos de histórias que minha memória e imaginação de agora se encarregam de completar com outras vivências, outras leituras, num amálgama. Tal processo foi se expandindo e sedimentando pelo estudo do substrato sócio-cultural do Pampa, pela peculiaridade do Estado do Rio Grande do Sul, lindeiro com Uruguai e Argentina, e a literatura que esse contexto propiciou.

Essa retrospectiva pessoal talvez esteja fora do lugar, mas entendo que faltou esse registro a pavimentar a elaboração do projeto **Fronteras Culturais (Brasil-Uruguai-Argentina)** quando elaborado, por conta de uma preocupação acadêmica que rejeitaria, naquele entonces, tal *desvio*. Mas talvez estejam naquelas vivências as raízes do intuito de realizar esse trabalho. Seria um sentimento nascido então, suscitando a ideia de que fronteiras, mais que indicar limites, significam possibilidades de expansão.

Definidas as linhas básicas do que pretendia desenvolver, elaborei uma minuta do **FRONTEIRAS CULTURAIS (BRASIL-URUGUAI-ARGENTINA)**, passando a discuti-la com colegas pesquisadores do contexto pampiano, durante o ano de 2000. Ligia Chiappini e Flávio Aguiar, gaúchos na USP; Sandra Pesavento, Léa Masina e outros estudiosos na UFRGS. Meu propósito era de que, mesmo com fundamentação acadêmica, o empreendimento tivesse uma dinâmica de projeto-processo, acontecendo conforme o desenrolar das atividades de pesquisa e das práticas culturais realizadas, para o que eu precisaria contar com intensa e primordial participação das comunidades fronteiriças envolvidas.

1o. ENCONTRO FRONTEIRAS CULTURAIS (BRASIL-URUGUAI-ARGENTINA)

O ano de 2000 foi de estudo e troca de idéias buscando subsídios que permitissem ir a campo sem maiores hesitações. Com esse espírito foi planejado e realizado o **1o. ENCONTRO FRONTEIRAS CULTURAIS (BRASIL-URUGUAI- ARGENTINA)**, de 12 a 14 de dezembro, em Porto Alegre, que superou expectativas pela importância dos participantes convidados e **trabalhos apresentados**. Confira detalhes do evento, desde sua **Programação**. Edição Especial da **Revista Eletrônica CELPCYRO** está composta por material produzido para esse evento e sobre ele.



Abertura do 1o. Encontro Fronteras Culturais (Brasil-Uruguai-Argentina)



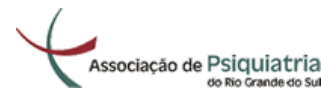
Escuelas de Frontera



CELP Cyro Martins
conquista qualificação de
**Organização da Sociedade
Civil de Interesse Público**
Leia mais...



CYM
CENTRO DE ESTUDOS CYRO MARTINS



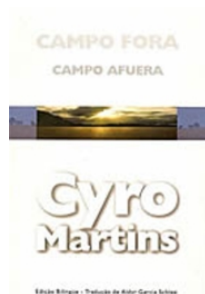
Prêmio Cyro Martins de Incentivo à
Pesquisa





Folder com a Programação do evento

Durante o evento, foi lançada a edição bilingue, português-espanhol, do livro de contos de Cyro Martins, *Campo fora/Campo afuera*, produzida pelo Instituto Estadual do Livro (IEL) do Rio Grande do Sul, com tradução para o espanhol do escritor Aldyr Garcia Schlee.



Minha intenção era realizar pesquisa de campo, usando referenciais motivadores de manifestações a serem desenvolvidas sem maior interferência. Seria um projeto-processo, que aconteceria com alguma orientação, o qual se constituiria a partir de seu próprio fazer... dando aos participantes liberdade. Tinha em mãos, *Campo fora/Campo Afuera*, com o propósito de ele ser um dos elementos desencadeadores do projeto nas cidades fronteiriças.

A oportunidade de apresentar o projeto na fronteira surgiu quando fui convidada a participar de evento em que formadores de opinião (representantes dos respectivos governos, jornalistas, escritores, professores, animadores culturais) se reuniram em Livramento (RS) para discutir questões de interesse comum às duas cidades fronteiriças: Santana do Livramento (BR) e Rivera (UY).

Assim, a sorte foi lançada entre o público mais propício a aderir e levar em frente a proposta do projeto, inclusive sendo ela desencadeada com exemplares de *Campo fora/Campo afuera* para distribuir a escolas, bibliotecas, centros culturais, numa mobilização dinamizada pelo interesse da imprensa em divulgá-la. E pela curiosidade e disponibilidade de santanenses e riverenses para se envolverem no processo.

Seguem DEPOIMENTOS de pessoas decisivas para o bom e duradouro desenvolvimento do projeto, a quem sou profundamente grata. Também, uma amostra dos EVENTOS REALIZADOS durante esses 20 anos.

Maria Helena Martins
 Coordenadora do projeto Fronteiras Culturais (Brasil- Uruguaia-
 Argentina)
 Diretora de Cultura, Humanidades e Literatura do CELPCYRO

DEPOIMENTOS

O FAZEDOR DE AURORAS

Por Jorge Adelar Finatto

blog do Velho Mundo

por Flávio Aguiar

LIANA TIMM

Crônicas, poemas, obras de arte

cristinamacedo

blog e sarau literário

BLOG DA LÉA

"Leituras do Séc. XXI"

Encontros de leitura

Coord.: Léa Masina



GRUPO AGUIA

Amigos Unidos

Incentivando as Artes



DO FRONTEIRAS CULTURAIS AO UNBRAL FRONTEIRAS E ÀS FRONTEIRAS DIGITAIS

Fronteiras culturais, fronteiras internacionais: encontros entre diferentes saberes



Karla M Muller^{1*}

Em dezembro do ano 2000 participei do 1o Encontro Fronteiras Culturais (BRASIL – URUGUAI – ARGENTINA), realizado em Porto Alegre, na Casa de Cultura Mário Quintana, coordenado pela Profa. Maria Helena Martins. Na época, estava concluindo o trabalho de campo que resultou na minha tese de doutorado (Müller, 2003)[3]. Foi um período no qual a temática fronteira passava a fazer parte do meu cotidiano e aguçava meu interesse pelas fronteiras internacionais. Ao participar do Fronteiras Culturais, percebi como essas duas concepções de fronteiras se interpenetravam. O foco de meus estudos desde então ficou centrado nas questões envolvendo Mídia e Fronteiras, hoje tratadas no plural.

Como parto do olhar das Ciências da Comunicação, a centralidade de minhas pesquisas está colocada na análise dos meios de comunicação. Mas desde a graduação, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e graças à professora Martha D’Azevedo, considerar nossa ligação com os países vizinhos tem importância para nós que vivemos no estado gaúcho, onde o limite territorial brasileiro faz divisa com o Uruguai e a Argentina.

Após algumas reflexões e produções, desde 2007, ministrando a disciplina Comunicação e Práticas Socioculturais junto ao Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) na UFRGS, incluí na pauta das discussões, de forma efetiva, as fronteiras culturais. Graças a este exercício, foi possível orientar mestrandos e doutorandos que tinham o mesmo interesse em estudar fenômenos comunicacionais envolvendo as práticas culturais em contextos urbanos, muitos deles ligados diretamente às fronteiras internacionais.

Falar de comunicação entre sujeitos e não levar em conta sua(s) cultura(s) e identidade(s) é tratar de modo simplista a complexidade e tudo que implica as relações envolvidas. Por isso, um dos trabalhos que levo para meus estudantes é o resultado do Projeto Fronteiras Culturais, desenvolvido por Maria Helena Martins na cidade de Santana do Livramento. A partir da fala dos moradores da região fica evidente o cuidado que têm com o outro, com o vizinho, seu irmão/hermano de fato. Mesmo que inconscientemente, percebem as similitudes e as diferenças que lhes constituem e a riqueza que isto significa para ambos.

Quanto mais nos aprofundávamos do assunto, mais o espaço das fronteiras internacionais foi se mostrando propício para verificar como se dá o convívio entre agentes pertencentes a diferentes nações, como se estabelecem as interlocuções dos fronteiriços, falando idiomas distintos, vivendo sob leis e regras nacionais específicas, mas trocando constantemente seus saberes. Respeitando modos de pensar e agir de quem mora ao lado, realizando movimentos

de alteridade, os habitantes de Livramento-Rivera, Uruguiana-Paso de Los Libres e outras tantas cidades localizadas em fronteiras internacionais conurbadas, ensinam que as fronteiras podem abrigar relações fraternas. Foi nesses pontos de contato entre países que percebi a potência no entrelaçamento de culturas, da criação de uma nova forma de relacionamento e a existência de uma cultura fronteiriça, muito peculiar àquelas regiões.

Nesses anos de caminhada, acompanhei de perto teses e dissertações que analisaram a mídia fronteiriça como as rádios locais e as manifestações culturais apresentadas nos dizeres e fazeres dos sujeitos do lugar, como o trabalho da Profa. Vera Raddatz (2009)[4]. Estudos sobre jornais (impressos e online) de cidades como Uruguiana, Santana do Livramento e São Borja (e suas vizinhas dos países “ao lado”), entre outras, foram realizados na busca por compreender a participação da mídia na construção da cultura e da identidade fronteiriça. Além desses estudos voltados para as regiões limítrofes brasileiras, foi possível orientar e desenvolver pesquisas que trataram da diversidade cultural em outras localidades, mas que foram permeadas pelas concepções ligadas às fronteiras culturais presentes no convívio entre diferentes grupos sociais. Conceitos e entendimentos possíveis de serem replicados, pois fazem pensar nas mesclas produzidas pelo homem, muitas vezes demonstrando o cuidado para que não haja apagamento das marcas peculiares de suas culturas.

Assim como me aproximei do Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins (CELPCYRO), de Maria Helena e do projeto Fronteiras Culturais, participando da organização de eventos e contribuindo com textos para obras sobre este assunto, também fui conhecendo professores, pesquisadores e simpatizantes das questões fronteiriças oriundos de diferentes áreas como a Linguística, Literatura, História, Geografia entre outras e também tantas outras pessoas pertencentes aos saberes do cotidiano. Em meados de 2011 conheci pessoalmente Adriana Dorfman que teve a coragem de criar em 2013 o projeto **Portal de Acesso Aberto das Universidade Brasileiras sobre Limites e Fronteiras – Unbral Fronteiras[5]** – do qual sou vice-coordenadora há cerca de cinco anos.

A criação de um portal, mais do que um repositório, abriu a possibilidade de disponibilizar o conhecimento produzido no Brasil sobre suas fronteiras. A iniciativa, com a aplicação das lentes de quem tem como lugar de fala a Geografia, foi de uma grandeza que não conseguimos dimensionar.

Coordenar uma equipe de estudantes de graduação, de pós-graduação, pesquisadores e professores vinculados a diversas áreas do conhecimento, possibilitou criar mecanismos e caminhos cujos resultados seguem sendo buscados no intuito de atualizar os dados e as informações sobre os estudos fronteiriços.

O trabalho teve alcance e levou suas descobertas a fóruns de discussões nacionais e internacionais cujos reflexos seguem sendo sentidos, provocando novos estudos sobre o tema, ligados à Geografia, Comunicação, Saúde, Informação e outras áreas do conhecimento.

Hoje, além de prosseguir na orientação de estudos comunicacionais que procuram compreender os fenômenos que ocorrem no ambiente fronteiriço, e que retratam o urbano, o rural, a política, a economia, a presença dos refugiados e o papel da mulher no contexto das fronteiras internacionais, passei a me dedicar a compilar as teses e dissertações produzidas nos últimos 15 anos cuja temática permeia o tema Mídia e Fronteiras.

Graças aos primeiros passos e horizontes que se abriram após os Encontros Fronteiras Culturais e com o trajeto que desde o final dos anos 90 venho trilhando, muitas conquistas foram alcançadas e muito trabalho se mostra imprescindível para entender o que se passa nos espaços das fronteiras internacionais e o amálgama produzido pelas ações de agentes que colocam frente a frente

diferentes culturas, derrubando barreiras que podem ser estabelecidas pelo preconceito com relação aos hábitos e costumes do outro, que muitas vezes não permitem ver a riqueza que podem representar as Fronteiras Culturais.

 [1] **Karla Muller**. Doutora em Ciências da Comunicação. Professora Titular do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Vice-coordenadora do Portal de Acesso Aberto da Universidade Brasileiras sobre Limites e Fronteiras – Unbral Fronteiras. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Espaço, Fronteira, Informação e Tecnologia (GREFIT).
 E-mail: kmmuller@ufrgs.br

Das fronteiras internacionais ao Fronteiras Culturais e, hoje, ao Unbral Fronteiras



Adriana Dorfmann*

Em dezembro de 2000 também participei do 1º Encontro Fronteiras Culturais (BRASIL – URUGUAI – ARGENTINA), em Porto Alegre, na Casa de Cultura Mário Quintana, coordenado pela Profa. Maria Helena Martins. Naquele momento eu voltava a Porto Alegre, depois de mais de uma década morando no Rio de Janeiro, onde fui fazer o mestrado em Geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Voltava por circunstâncias familiares, mas pensava muito no projeto para o doutorado, pois recém tinha passado na seleção no mesmo programa. Meu projeto era estudar o contrabando e através dele a cultura da fronteira - fronteiras culturais, portanto, dando múltiplas dimensões às fronteiras internacionais.

Lembro bem de alguns momentos do evento. Recordo um questionamento que até hoje trago, sem respondê-lo: “há identidade sem projeto?”, mas não consigo localizar o palestrante... Lembro de encontrar o prof. Tito Carlos Machado e Silva, certamente um dos maiores fronteirólogos que temos. Também estava lá Lígia Chiappini, que muito citei na tese que defendi em 2009[6]. Teria eu conversado com a profa. Karla Müller?

A abordagem amplamente transdisciplinar, aliando arte e ciência, era irresistível. Uma proposta que cativa pela sua seriedade ousada, de abraçar as representações sem hierarquizar gêneros discursivos. Nela o “Fronteiras Culturais” merece lugar de precursor.

Entre as incontáveis reorientações teóricas que vejo acontecendo no campo dos Estudos Fronteiriços hoje, certamente a proeminência das fronteiras culturais/ *cultural borders/ frontièresculturelles/ Kulturgrenzen/ fronteras culturales...* resiste e se aprofunda, trazendo consigo a sensibilidade aos processos em curso nos lugares fronteiriços. Diz Fabian Severo que “*todos nos semo da frontera como eses pásaros avuando de la pra qui cantando um idioma que todos intende*” (SEVERO, 2011)[7], e me permite pensar que a fronteira cultural nos incute a liberdade de expressão e o amor à diversidade, ao mesmo tempo delimitando e nos incitando ao